

“SER HOMEM”: UM LUGAR DO IMAGINÁRIO E UM ESPECTRO DO DESEJO

“BEING A MAN”: AN IMAGINARY PLACE AND A SPECTRUM OF DESIRE

Leda Verdiani Tfouni¹

lvtfouni@usp.br

Anderson de Carvalho Pereira²

apereira.uesb@gmail.com

Dioneia Motta Monte-Serrat³

di_motta61@yahoo.com.br

Resumo: Abordamos, neste artigo, mecanismos discursivos de expressões genéricas que pretendem definir o que é ser “um homem”. Com base nas teorias da Análise do Discurso pêncheutiana e da Psicanálise lacaniana, articulamos a relação de contradição entre o senso comum e o discurso científico, que gera tensão entre “saber” e “verdade” na interpelação ideológica do sujeito-homem e na dinâmica de alienação constitutiva do sujeito. As divergências hermenêuticas e o fracasso de “uma” “verdade” sobre o que é “ser um homem” mostram que a ideologia não é necessariamente falsa e que se pode dizer mentira disfarçada de verdade.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Psicanálise. Interpelação ideológica. Sujeito. Ser um homem.

Abstract: We approach in this paper the discursive mechanisms used in generic expressions that try to define what to be “a man” is. Based on the French Discourse Analysis, as well as in Lacanian Psychoanalysis theories, we intend to articulate the relationship between common sense and scientific discourse, which generates tension between “knowledge” and “truth” within the ideological interpellation of the subject-man and in the subject’s constitutive alienation. Both hermeneutic divergences and the failure of “one” “truth” about the meaning of “being a man” show that ideology is not necessarily false and that one can say a lie disguised as truth.

Key words: Discourse Analysis. Psychoanalysis. Ideological Interpellation. Subject. Being a man.

¹ Professora Titular Sênior do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

² Professor Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação.

³ Pesquisadora colaboradora do IEL-UNICAMP nas áreas de Neurolinguística e Análise do Discurso; professora da Universidade de Ribeirão Preto.

1 Introdução

Em meio ao espetáculo linguageiro discursivo da mídia, destacam-se as várias expressões clichês, ou comentários baseados em fórmulas prontas, que denominamos genéricos discursivos. Em um desses casos específicos, este trabalho investiga de que modo expressões genéricas como “ser homem”, “o que é ser homem” e “ser homem é” articulam um lugar do imaginário que estabelece efeitos de sentido vinculados às verdades aceitas como universais.

A análise desses efeitos permite-nos avançar nos estudos sobre os mecanismos discursivos desses genéricos, a partir da discussão em torno da relação de contradição entre o senso comum e o saber científico. Percebe-se que o efeito de sentido converge para um efeito de verdade, por meio do jogo de separação e alienação entre as expressões “um homem” e “o homem”.

Analizamos um corpus formado por frases retiradas do blog de Benedito (2015) da Boitempo Editorial, atribuídas supostamente a grandes nomes (artistas, intelectuais). A confirmação de autoria não é relevante aqui, pois estamos interessados no processo de discursivização, não no locutor, ou enunciador do discurso.

Inicialmente, trazemos Fairclough e Wodak (2000, p. 369, tradução livre dos autores⁴), para quem: “[...] as práticas discursivas podem ter efeitos ideológicos de peso, isto é, podem ajudar a produzir e reproduzir relações de poder desiguais entre (por exemplo) as classes sociais, as mulheres e os homens, as maiorias e as minorias étnicas, por meio da maneira como representam os objetos e situam as pessoas”. Em outras palavras, o que esses autores nos mostram é o efeito de dicotomia que sustenta a evidência veiculada nas verdades – evidência que, muitas vezes, por estar assujeitada ao paradigma da representação, faz parecer que existe uma realidade alhures, “fora”, que daria conta de sustentar um lugar de evidência do plano da enunciação como origem.

É o que Pêcheux (1996) analisa em termos do efeito de desconhecimento ideológico. Quando um lugar discursivo enuncia “você é X”, seja por meio da nomeação ou de comentários, o lugar imaginário destinado ao interlocutor é recoberto por uma ilusão de exterioridade, em que a ideologia atua como se fosse única – uma entidade abstrata e exterior, que organiza sentenças baseadas em uma totalidade, que inclui ou exclui radicalmente. É essa evidência, da qual se origina o esquecimento número um (PÊCHEUX, 1996), que sustenta o

⁴ Texto original: “Las prácticas discursivas pueden tener efectos ideológicos de peso, es decir, pueden ayudar a producir y reproducir relaciones de poder desiguales entre (por ejemplo) las clases sociales, las mujeres y los hombres, las mayorías e las minorías culturales o étnicas, por medio de la manera como representan los objetos y sitúan a las personas”.

efeito Münchhausen de que “eu sou eu”, ainda que, de modo paradoxal, tal evidência necessite de ser dita pelo outro. Pêcheux comenta:

[...] uma ideologia não é necessariamente "falsa": quanto a seu conteúdo positivo, ela pode ser "verdadeira", muito precisa, pois o que realmente importa não é o conteúdo afirmado como tal, mas o *modo como esse conteúdo se relaciona com a postura subjetiva envolvida em seu próprio processo de enunciação*. Estamos dentro do espaço ideológico propriamente dito no momento em que esse conteúdo - "verdadeiro" ou "falso" (se verdadeiro, tanto melhor para o efeito ideológico) - é funcional com respeito a alguma relação de dominação social ("poder", "exploração") de maneira intrinsecamente não transparente: *para ser eficaz, a lógica de legitimação da relação de dominação tem que permanecer oculta*. Em outras palavras, o ponto de partida da crítica da ideologia tem que ser o pleno reconhecimento do fato de que é muito fácil *mentir sob o disfarce da verdade*. (PÊCHEUX, 1996, p. 13-14).

Pêcheux (1993), no entanto, explica que o sujeito da representação é herdeiro da crença em uma espécie de metacódigo que registraria aspectos dispersos da linguagem, passando por cima de sua constituição lacunar – constituição esta que permite ao sujeito transitar pelo registro do imaginário no plano da base material dos processos de identificação. Por ser contraditório e imprevisto, esse processo não permite antever com qual região do sentido haverá identificação, nem mesmo chegar a uma representação, pois, diante do desconhecimento, o sujeito emerge por meio de significantes que lhe são caros, mas a que está alienado.

Além disso, as zonas de sentido que se confrontam não se equivalem; apenas se mostram por meio de efeitos de homogeneidade (PÊCHEUX, 1993), o que assegura à ideologia sua eficácia. É este efeito de homogeneidade que permite ao sujeito falar de si e de “X” como se o interlocutor entendesse tal e qual; de modo que é em busca de problematizar essa evidência que vamos analisar os efeitos de sentido de ser “um homem” e ser “o homem”.

O *corpus* que analisamos se compõe de “definições”, materializadas em tentativas de resposta à questão: “O que é ser um homem?”. Trata-se de um texto publicado no site da Boitempo Editorial, em 27 de outubro de 2015. A Boitempo é uma editora voltada principalmente às publicações na área de Ciências Humanas e Sociais. As “definições” que compõem o *corpus* foram recortadas de uma relação maior, constituída de ditos célebres, frases emblemáticas que, conforme publicado no site da Boitempo Editorial, foram ditas por intelectuais, cientistas, artistas; ou seja, pessoas de notável reputação pública.

Constatamos que, na tentativa de construir um discurso cientificamente verdadeiro (que codifique uma predicação abrangente e universal sobre o que é um homem), encontramos uma dispersão de enunciados que remetem a regiões diferentes do intradiscurso. Tais enunciados recorrem a um arquivo heterogêneo, materializado em fórmulas aparentemente

neutras, mas que não conseguem esconder do analista o modo como esse conteúdo se relaciona com a postura subjetiva envolvida em seu próprio processo de enunciação (Žižek, 1999), cujo objetivo é naturalizar alguma relação de dominação social.

1.1 Arquivo e memória na enunciação sobre “o que é ser um homem”

Argumentamos aqui na direção de evidenciar que há formas de resistência às práticas discursivas que inscrevem uma assimetria social e, por extensão, a seus efeitos ideológicos, ou a seus efeitos funcionais na produção da dominação social. Incorporamos a noção de *processo de enunciação*, que entendemos em duplo sentido: o primeiro como intradiscurso, ou o *aqui e agora* da produção da linguagem, em sua relação com o interdiscurso, ou memória do dizer (os sentidos que são retomados/atualizados/repetidos em uma dada sequência); o segundo como um processo de retomada pelo sujeito de dizeres historicamente petrificados em “fórmulas”, ou genéricos, que permanecem inalterados e codificam valores e preconceitos. Em acréscimo, tomaremos a noção de *arquivo*, no sentido de “conjunto de todos os documentos disponíveis e pertinentes sobre uma questão” (PÊCHEUX,[1982]1994, p. 57), que tem como característica a heterogeneidade, ou seja, a diversidade e a diferença. A articulação deste arquivo por meio de genéricos tem relevância na medida em que a ideologia faz parecer que há unidade diante do “não todo” do simbólico, cujo efeito é fazer parecer que as lacunas do simbólico podem ser preenchidas por modos equivalentes de interpretação.

A relação entre arquivo e memória é lacunar, visto que não se trata de procedimento automático de busca e acesso à informação, mas de um processo submetido à ideologia e, portanto, sujeito à contradição, atributo que tem o poder de transformar discursos – muitas vezes carregados de preconceitos ou discriminação – em verdades incontestáveis e indiscutíveis, sob o disfarce de um discurso da Ciência, da Lógica, ou do Direito.

O que é ser um/o homem? Essa pergunta nos conduz a um paradoxo, pois não basta apenas “ser”: há a “necessidade” de haver uma “verdade sobre” ser um homem. Essa suposta necessidade questiona não o lugar do sujeito, mas sua própria existência como sujeito.

Em nossa discussão sobre o embate entre o “saber o que é um homem” e a “verdade sobre o que é um homem”, utilizaremos os conceitos de genéricos discursivos (TFOUNI, 2010) e de discurso científico (PÊCHEUX, 2002, p. 28) para discutirmos diversas frases, escolhidas aleatoriamente, que conceituam o que é ser um homem, de modo a “dissolver as névoas da ideologia” (GINZBURG, 1989). Tais “névoas” obscurecem os poderes de uma estrutura social em que o conceito de verdade e o conceito de sujeito estão intimamente ligados,

determinando o lugar irreduzível do homem, como se fosse possível escolher seu destino e esquecer que, como aponta Žižek (2008), a escolha é uma ilusão violenta. É com esses pressupostos em mente que nos propomos a observar a tensão existente na conceituação linguageira do que é “ser um homem”.

2 Análise

Inicialmente, ressaltamos que não tomamos por parâmetro a quantidade de frases, nem tampouco a atribuição (legítima ou não) a algum pensador específico, mas o modo pelo qual se produzem evidências e efeitos de sentido articulados sob uma formulação genérica em torno da questão “ser homem é”. A partir dessa questão inicial, a análise foi organizada em unidades de sentido – recortes, conforme Orlandi (1987) –, a partir dos quais foram elencadas sequências discursivas – doravante SDs conforme Serrani (1997). Como se nota, não partimos de categorias prévias, tampouco de temáticas em que seriam enquadradas as SDs, mas nos guiamos por pistas, indícios dos sentidos dominantes de cada sequência.

Examinemos a primeira SD selecionada:

SD 1 - *José Martí*: “O homem que honra a si mesmo é capaz de ver as virtudes de outro homem.”

No primeiro ponto da análise, destacamos o efeito de sentido mobilizado em torno do uso do pronome “que”, marca introdutória de uma oração relativa. O efeito de mobilização de um caso particular (um homem dentre vários possíveis), marcado pelo sentido restritivo dado pela oração relativa, enuncia indiretamente que nem todo homem honra a si mesmo. Desse modo, o pressuposto de que “ser homem” é equivalente a “honrar a si mesmo” é mobilizado por meio da seguinte formulação genérica: “todo homem que honra a si mesmo é capaz de ver virtudes em outro homem”. Nesse caso, o artigo definido “o” funciona como marca de um conjunto universal, com o operador “todo”. Como vemos, apesar da restrição de sentido operada pela oração relativa, ainda é possível interpretar o enunciado principal como uma verdade universal, ou seja, válida para todos os mundos possíveis. Uma decorrência disso é a produção de um efeito de universalidade dentro da particularidade que poderia soar como contraditório do ponto de vista do discurso científico, sustentado pela lógica, mas que é perfeitamente possível enquanto atividade linguageira.

A esse respeito, Badiou comenta que

[...] a ciência está constantemente exposta em sua ausência, já que o conhecimento da cientificidade é também conhecimento da impossibilidade específica de uma

descrição da ciência, conhecimento da não presença da ciência em outro lugar que não nela mesma, no produzir real de seus objetos. (BADIOU, 1986, p. 15).

Badiou (1986) aponta aí para um impossível do discurso científico, visto que o distanciamento de uma dada realidade é a condição *sine qua non* para o conhecimento científico clássico, uma vez que requer um recobrimento do que é impossível de ser conhecido e um disfarce dessa impossibilidade. O genérico “o homem” não garante, por si só, uma captura total da realidade, pois sempre há um resto a ser dito sobre “[...] o produzir real de seus objetos”. (BADIOU, 1986). Certamente, não tratamos de um pressuposto científico no caso analisado, mas de um efeito do discurso científico, tendo, como uma das formas de sustentação, os genéricos discursivos.

Para amparar essa argumentação, trazemos a seguinte sequência discursiva:

SD2 - *Hemingway*: “O homem não foi feito para a derrota. Um homem pode ser destruído, mas não derrotado.”

Aí, mais uma vez, o artigo definido é usado para marcar um universal (no caso, “nenhum homem”, devido à construção da frase na modalidade negativa), universal esse que é relativizado pelo enunciado seguinte, em que “um” equivale a “algum”. O estatuto da contingência, enquanto categoria do impossível do real das “coisas a saber” (PÊCHEUX, 2002), merece ser aqui discutido, pois remete aos mecanismos das formações imaginárias.

A sequência das duas orações na SD2 produz uma espécie de continuidade de sentido, em que o que se assevera sobre “o homem” na primeira é retomado e desenvolvido na segunda. Porém, essa aparente homogeneidade se rompe ao observarmos, na superfície sintática, além da oposição entre “o” e “um”, também o uso da modalidade “pode”, seguido da adversativa “mas”.

Em primeiro lugar, obviamente, “o” não está em relação de sinonímia com “um”, visto que o primeiro universaliza, e o segundo particulariza o predicado “ser derrotado”. Depois, o uso da modalidade “pode” traz para a SD uma ambiguidade de sentidos, que é rejeitada pelo discurso da lógica. De fato, “poder” pode ser interpretado como alético (se asseverar algo verdadeiro em todos os mundos possíveis); como epistêmico, se referir-se a um fato passível, ou derivado do conhecimento; ou deôntico, caso expresse ideia de algo socialmente proibido/permitido. No caso de “Um homem pode ser destruído, mas não derrotado”, fica difícil decidir por uma ou outra interpretação. Logo, não se trata aqui do discurso científico, que não admite ambiguidade. Estamos, antes, diante de uma deriva de sentido, e a adversativa torna ainda mais patente a contingência expressa pela SD, visto que indica algo que escapa ao sentido único pretendido.

3 Discussão

Em contraposição à “verdade científica” sobre “o homem”, trazemos o conceito de Lacan (1986, p. 31) sobre a “verdade do sujeito” como “uma dimensão própria que deve ser destacada na sua originalidade em relação à noção mesma da realidade”. Com base nisso, podemos afirmar que a definição científica e “verdadeira” de homem resta inadequada, pois não há pontos privilegiados do “ser homem” que sejam alcançados pela linguagem.

O discurso científico, portanto, tenta recobrir o real das “coisas a saber” (PÊCHEUX, 2002), por meio desse modo de registro do sujeito na realidade do sujeito do pensamento (*res cogitans*), que tenta destituir esta última da natureza enigmática que a estrutura da linguagem impõe ao sujeito. A esse respeito, vale retomar Lacan ([1964]1985) acerca da relação entre a cadeia significante e o registro do real. Haveria outros caminhos de resgate da contribuição do psicanalista francês para discutir essa questão, mas optamos pelo debate em torno dos conceitos de “tiquê” e “autômaton”.

Ao comentar a repetição como um dos conceitos fundamentais da Psicanálise, Lacan ([1964]1985) parafraseia, de modo original, a máxima saussuriana (*in presentia, in absentia*) na ocasião em que argumenta sobre a diferença entre repetição e reprodução nas primeiras abordagens freudianas da histeria. Para ele, a repetição enlaça o real, e “o real é aqui o que retorna sempre ao mesmo lugar – a esse lugar onde o sujeito, na medida em que ele cogita, onde a *res cogitans*, não o encontra.” (LACAN, [1964]1985, p. 52).

Esse lugar, embora seja de não encontro, onde não há intersecção, resgata um encontro. A esse encontro, ele denomina “tiquê” e estabelece um resgate com a máxima aristotélica retirada da matemática, denominada autômaton. É por isso que o próprio Lacan ([1964]1985) denominou que os passos seguidos pelo sujeito, ou mesmo os significantes que lhe permitem emergir à revelia da intenção do cogito, ocorrem *in effigie, in absentia* (expressão do autor, Lacan [1964]1985, p. 52). Reside, nessa paráfrase da máxima saussuriana, uma declaração de que a manifestação do real se expressa em uma impossibilidade de a cadeia se organizar de outra maneira senão aquela já manifesta: a cadeia é simbolizada tal como estar diante de uma esfinge, em sua natureza enigmática. Não que seu elemento “A” ou “B” seja enigmático em relação aos outros, mas sim que a sua organização seja mais ampla, digamos. Esse caráter enigmático da realidade está expresso no próprio pressuposto freudiano acerca da dimensão delirante da realidade, em que se afirma que a vida é um sonho. (LACAN, [1964]1985).

Se o que se repete é uma produção de signos, há sempre algo para além, como possibilidade de enlace com o já dito, o já existente na linguagem, de modo que aquilo que

desse retorno encontra, volta, persiste, é “autômaton”; e aquilo que encontra o real é “tiquê”. No entanto, não se trata de um além como uma metalinguagem, ou um metacódigo que tornaria o sujeito da ciência privilegiado, mas de contradições com núcleos do real no sentido de uma função da fantasia, como uma “rememoração agida” (LACAN [1964]1985, p. 56). Para dar conta desse ponto, vale lembrar que Lacan defende que esse encontro é faltoso, pois a obtenção de prazer deixa uma parte da ordem do real.

Ocorre que o movimento da cadeia significante se relaciona com um enigma mais amplo, que é o desejo do Outro, pois uma cadeia significante funciona “no nível do desejo do Outro em que o desejo do sujeito se constitui.” (LACAN, [1964]1985, p. 223). Há uma dinâmica de alienação constitutiva, pois o sujeito somente é representado para, pelo menos, mais um significante. Por um lado, a ideologia interpela o sujeito-homem numa tensão indissolúvel entre o conceito prévio do que é “ser homem” e a apreciação valorativa de crenças sobre ser homem. Constitui, assim, uma cultura do “ser homem”, partilhada pela sociedade.

Em contrapartida, a tensão contínua entre saber e verdade produz novos sentidos para “ser homem”, de modo a desestabilizar interpretações preestabelecidas. Essa mudança de perspectiva é possível, porque é a rede do significante que rege a rede dos significados, apontando para divergências hermenêuticas e para o fracasso da exigência de “uma” “verdade” sobre o que é “ser um homem”. Esse aspecto da não captura de um só sentido pode ser observado no funcionamento discursivo, através dos diversos genéricos discursivos que abarcam o conteúdo de um “saber” sob a fórmula de lei (*law-like*), na tentativa de transformá-lo em “uma verdade”.

A importância de tomarmos o conceito de genéricos discursivos de Tfouni (2010) está em que, no *funcionamento* (e não no conteúdo) desses genéricos, há a contraposição a “uma” verdade científica. No funcionamento em conjunto dos genéricos discursivos, ocorre um entrelaçamento entre linguagem e saber que não está reduzido a uma informação; nesse conjunto de genéricos, não há a preocupação em separar verdade de falsidade.

A partir do momento em que o discurso científico coloca como “uma verdade” o que é “ser um homem”, pressupõe-se que há uma convenção em torno dessa verdade, mesmo que ela não corresponda exatamente à realidade (saber) do que é “ser um homem”. Essa “verdade” única sobre “ser um homem” não resulta de um acordo; ela é estabelecida previamente como enunciação de “uma” verdade.

A respeito dessa contradição entre senso comum e conhecimento científico, vale lembrar que o fundamentalismo da crença, o “nós e eles” generalizado do mundo atual, leva Žižek (2008) a retomar Derrida e refletir sobre “fé e saber”:

[...] o saber sempre se baseia num ato de fé elementar e precedente (na ordem simbólica, na racionalidade básica do universo), enquanto a religião propriamente dita se baseia cada vez mais no conhecimento científico, embora negue essa confiança (o uso da mídia moderna para a propagação das religiões, a exploração religiosa dos avanços científicos mais recentes, etc.). (ŽIŽEK, 2008, p. 457).

Essa espécie de código de conduta pode ser entendida conforme as considerações de Rouanet (1992) acerca do individualismo como uma das características da moral iluminista. O autor resume a moral iluminista em três pontos, a saber:

[...] a ideia de que a moral podia ter um fundamento secular; a ideia de que o indivíduo, considerado como célula elementar da sociedade, tinha direito à autorrealização, à felicidade e à sociedade e podia descentrar-se com relação à vida comunitária, criticando-a de fora; e a ideia de que existe uma natureza humana universal, de que existem princípios universais de validação ética, e de que existe um pequeno núcleo de normas materiais universais [...]. (ROUANET, 1992, p. 153).

Filiados a essa rede de memória, esses enunciados tratam de um homem que é “qualquer um”, “todos” e “ninguém” ao mesmo tempo: máxima do sujeito interpelado sob a forma individual. Trata-se do efeito ideológico elementar veiculado na forma de genéricos discursivos.

3.1 Genérico da lei e genérico discursivo

O genérico da lei é o discurso da verdade única, que “compromete o futuro, que, como se diz, não é de ninguém, e é também ambígua, por incessantemente superar o ser a quem concerne, na alienação em que se constitui o seu devir”. (LACAN, 1998, p. 353). A verdade científica constrói uma identidade do “sujeito-homem”.

O genérico discursivo associa o discurso, que tem um domínio cambiante, não pontual, não definitivo à fórmula genérica da lei, com força de lei para fechar as interpretações possíveis. Essa fórmula de genérico faz com que os significados possíveis de um “saber” sobre “ser homem” (que poderia modificar-se conforme o contexto ou conforme a dinâmica intersubjetiva de produção do sentido) seja restringido à dimensão de determinado sentido.

Em suma, o funcionamento semelhante dos enunciados *law-like* faz com que “saber” e “verdade” sobre “o que é ser um homem” girem em torno da dimensão da validade, a qual se dá por pressão de imperativos, por indução de modos de compreensão, por delineamento de tradições culturais, por acertos políticos em como orientar a sociedade – enfim, por uma interferência na “posição-sujeito homem”. É desse modo que as práticas discursivas podem ter efeitos ideológicos, produzindo e reproduzindo relações de poder, conforme ensinam Fairclough e Wodak (2000, p. 368).

4 Considerações finais: “a” verdade sobre “ser homem”

A interpretação não se dá pela simples relação entre significante e significado, mas por um complexo processo de produção da significação, pois “há, entre significante e significado, uma outra relação que é a de efeito de sentido”. (LACAN, [1964]1985, p. 235). Em outras palavras, as relações entre significantes sempre são relações de efeitos de sentido, o que retira a possibilidade de termos uma representação, uma equivalência com uma significação mais ampla da coisa representada. Assim, uma suposta representação (“o homem”) não alcançaria o efeito de sentido.

De forma análoga, o sujeito desejaria enganar a sujeição ao analista, fazendo-se amar por ele, pois sabe que “nada poderia ser atingido *in absentia, in effigie*” (LACAN, [1964]1985, p. 239). A interpretação não admite qualquer sentido, não está totalmente aberta, ainda que o analista ocupe o lugar suposto saber da significação: “[...] o sujeito é suposto saber, somente por ser sujeito do desejo” (LACAN, [1964]1985, p. 239).

Segundo Lacan (1998:869-870), a ciência modifica nossa posição-sujeito sob dois sentidos: no sentido de que ela é inaugural nessa modificação e no sentido de que ela reforça essa modificação cada vez mais. O registro da verdade, então, está situado em um lugar diferente do campo da exatidão; ele está no lugar da fundação de intersubjetividade: “situa-se ali onde o sujeito nada pode captar senão a subjetividade que constitui um Outro como absoluto.” (LACAN, 1998, p. 22).

A ideologia, por sua vez, segundo Žižek (1999, p. 13-14), não é necessariamente falsa. Ela pode ser verdadeira em seu conteúdo positivo, porque o que importa não é este último, mas “o modo como esse conteúdo se relaciona com a postura subjetiva envolvida em seu próprio processo de enunciação”. Se estamos num espaço em que a enunciação se dá na forma de genérico da lei, não se questiona o conteúdo, pois há uma relação de dominação não transparente. Para fazer crítica a esse funcionamento ideológico, Žižek (1999, p. 13-14) sugere que se reconheça o fato de que é muito fácil “*mentir sob o disfarce da verdade*”.

Referências

- BADIOU, A. O (re)começo do materialismo dialético, In: BADIOU, A.; ALTHUSSER, L. (Org.). **Materialismo histórico e materialismo dialético**. 2. ed. São Paulo: Global, 1986. p. 7-32.
- BENEDITO, M. Cultura Inútil: Seja homem, já que sua mãe não foi! **Blog da Boitempo**, São Paulo, 27 abr. 2015. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2015/10/27/cultura-Inutil-seja-homem-ja-que-sua-mae-nao-foi>>. Acesso em: 30 out. 2016.
- FAIRCLOUGH, N.; WODAK, R., Análisis crítico del discurso. In: FAIRCLOUGH, N.; WODAK, R. **El discurso como Interacción social**. Estudios sobre el discurso II: una Introducción multidisciplinaria. Barcelona: Gedisa, 2000. p. 367-404.
- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LACAN, J. **O seminário, livro 11** - Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- LACAN, J. **Seminário 1**: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- ORLANDI, E., **A linguagem e seu funcionamento**. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- PASCAL, B., **De l'esprit géométrique**, section I, Paris: GF-Flamarion, 1985, pp. 71-74
- PÊCHEUX, M., **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**, Campinas: Ed. Unicamp, 1993.
- PÊCHEUX, M., **O discurso**: estrutura ou acontecimento? 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.
- PÊCHEUX, M., Sobre o mecanismo do desconhecimento ideológico, In: ŽIŽEK, S. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 143-151.
- ROUANET, S. Dilemas da moral iluminista. In: NOVAES, A. (Org.). **Ética**. São Paulo: Cia das Letras, 1992. p. 149-162.
- SERRANI, S., Um método para estudar a discursividade na abordagem de questões socioculturais. In: SERRANI, S. **A linguagem na pesquisa sociocultural**: um estudo da repetição na discursividade. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997. p. 53-71.
- TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010,
- ŽIŽEK, S., O espectro da ideologia, In: ŽIŽEK, S. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999. p. 7-38.
- ŽIŽEK, S. **A visão em paralaxe**. São Paulo: Boitempo, 2008.